



## A leitura literária no contexto das narrativas digitais

### Literary reading in the context of digital narratives

Rita de Cássia Nascimento de Almeida<sup>1</sup>  
Naiara Sales Araújo<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo propõe uma análise teórico-crítica sobre os percursos das narrativas humanas até sua reconfiguração na cultura digital e seus efeitos sobre a literatura contemporânea. Objetiva-se compreender como as transformações técnicas e culturais que marcam a passagem da oralidade à escrita e, posteriormente, ao digital, incidem nas formas de narrar, ler e produzir textos literários. A metodologia utilizada é qualitativa e de natureza bibliográfica, com base em autores como Pierre Lévy (1996), Roger Chartier (1990) e Henry Jenkins (2009), dentre outros. O trabalho está dividido em dois momentos principais: o primeiro resgata a trajetória histórica das narrativas; o segundo discute as características das narrativas digitais e suas implicações para os processos de leitura e escrita, bem como os efeitos dessas transformações no campo literário, com breve menção a fenômenos como os *booktokers* no TikTok como exemplo de mediação contemporânea. Advoga-se que a literatura não desaparece na era digital, mas se desloca e se reinventa, resignificando-se no embate entre tradição e inovação, linguagem e tecnologia, papel e tela.

**Palavras-chaves:** Narrativas digitais. Literatura contemporânea. Leitura. Cultura digital.

**Abstract:** This article proposes a theoretical-critical analysis of the trajectories of human narratives up to their reconfiguration in digital culture and their effects on contemporary literature. The objective is to understand how the technical and cultural transformations that mark the passage from orality to writing and, subsequently, to the digital, affect the ways of narrating, reading, and producing literary texts. The methodology used is qualitative and bibliographical in nature, based on authors such as Pierre Lévy (1996), Roger Chartier (1990), and Henry Jenkins (2009), among others. The work is divided into two main parts: the first revisits the historical trajectory of narratives; the second discusses the characteristics of digital narratives and their implications for reading and writing processes, as well as the effects of these transformations in the literary field, with a brief mention of phenomena such as booktokers on TikTok as an example of contemporary mediation. It is argued that literature does not disappear in the digital age but rather shifts and reinvents itself, resignifying in the interplay between tradition and innovation, language and technology, paper and screen.

**Keywords:** Digital narratives. Contemporary literature. Reading. Digital culture.

1. Mestranda em Estudos Teóricos e Críticos em Literatura, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Letras – UFMA. Pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa: Ficção Científica, Gêneros Contemporâneos e Representação Artística na Era Digital (FICÇA). E-mail: rcna1911@gmail.com. [ORCID](#)

2. Doutora em Literatura Comparada. Professora do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. É líder do Grupo de Pesquisa FICÇA (Ficção Científica, Gêneros Pós-Modernos e Representação Artísticas na Era Digital), coordenadora dos Projetos de pesquisa Ficção Científica e Sociedade (UFMA) e Literatura e outras Artes (UFMA) e coordenadora do projeto de extensão Línguas e Cultura do Maranhão. E-mail: naiara.sas@ufma.br. [ORCID](#)

Submissão: 27 mar. 2026 → Aceite: 25 abr. 2026

## Introdução

A narrativa é uma das formas mais fundamentais de organização simbólica da experiência humana, atravessando as fases da oralidade, da escrita e, mais recentemente, da cultura digital. Cada uma dessas etapas implicou transformações significativas nas formas de produzir, transmitir e receber histórias, afetando diretamente as práticas de leitura e escrita. No contexto contemporâneo, marcado pela presença onipresente das tecnologias digitais, as narrativas digitais emergem como fenômenos culturais complexos que tensionam e reconfiguram as formas tradicionais da literatura.

A passagem da oralidade para a escrita alterou os suportes técnicos, os processos de subjetivação e as relações entre autor, texto e leitor. Atualmente, com a emergência da cultura digital, vivencia-se uma nova revolução comunicacional que desafia paradigmas estabelecidos, impondo uma reconfiguração das práticas narrativas e literárias.

Este artigo propõe uma análise teórico-crítica que percorre a trajetória histórica das narrativas humanas, buscando compreender as mudanças e continuidades que atravessam a transição da oralidade à escrita e, mais recentemente, às narrativas digitais. A cultura digital, caracterizada pela interatividade, pela convergência de mídias e pela hipertextualidade, apresenta um cenário em que os leitores se tornam coautores, navegadores e agentes na construção dos sentidos, rompendo com a linearidade e a passividade tradicionalmente associadas ao texto literário.

Nesse cenário, a literatura contemporânea é influenciada por novas formas de produção e circulação, como as fanfics, blogs, plataformas interativas e as comunidades virtuais formadas em redes sociais, onde fenômenos como os book-tokers no TikTok exemplificam a mediação literária em ambientes digitais.

A metodologia adotada é de caráter qualitativo e bibliográfico, apoiando-se em referências para o entendimento da cultura digital e das práticas narrativas, entre as quais se destacam Pierre Lévy (1996; 1999), Roger Chartier (1990) e Henry Jenkins (2009). O estudo está estruturado em dois momentos: inicialmente, realiza-se um resgate histórico das narrativas, enfatizando sua dimensão simbólica e as mudanças técnicas e sociais que moldaram a oralidade e a escrita; em seguida, examinam-se as características das narrativas digitais e suas implicações para a leitura, a escrita e a literatura contemporânea.

## A Narrativa Como Estrutura Simbólica da Experiência Humana

A faculdade humana de elaborar sistemas simbólicos complexos, diferentemente do que se observa em outras espécies animais, revela uma aptidão singular para a produção de linguagem. Essa capacidade de articular signos convencionais

e abstraídos da realidade imediata é descrita por Vendryès (*apud* Martins, 1996, p. 24) como a essência da linguagem, isto é, um mecanismo de signos articulados capaz de operar autonomamente da existência de um referente concreto. Tal estrutura simbólica confere ao ser humano a prerrogativa de nomear, categorizar e interpretar o mundo, instituindo uma mediação semiótica entre o sujeito e a realidade circundante. Destarte, a linguagem não se reduz a um mero veículo de comunicação, pelo contrário, erige-se como alicerce da vida social e cultural, facultando a edificação de saberes, valores e identidades ao longo da história.

No decorrer da história, os modos narrativos passaram por significativas metamorfoses, condicionadas pelas transformações nos suportes técnicos e nas práticas socioculturais de produção, circulação e recepção dos discursos. Em sua gênese, a narrativa humana assentava-se na oralidade como forma primordial de comunicação. A pesquisadora Milka Campos (2025, p. 75) contribui ao afirmar como a oralidade “desempenha um papel crucial na formação da identidade coletiva e na construção cultural, funcionando como um veículo para a preservação de tradições e valores”. Assim, antes da fixação gráfica do discurso, as práticas narrativas manifestavam-se por meio da voz, do corpo e da escuta, inseridas em contextos ritualísticos, míticos e performáticos, como nos indicam Ong (1988) e Chartier (1990).

A linguística, enquanto disciplina científica autônoma, dedica-se ao exame sistemático da linguagem verbal, compreendida, conforme Lopes (1979, p. 76), como “a capacidade que o homem tem de comunicar-se com os seus semelhantes através de signos verbais”. Esse atributo comunicacional transcende a mera transmissão de informações, constituindo-se como fundamento da racionalidade, da subjetividade e da construção simbólica da realidade, por meio da tessitura de discursos e narrativas.

Ong (1988), ao abordar a oralidade, conceitua-a como uma verdadeira tecnologia do pensamento, na medida em que instaura um regime específico de consciência e de interação com o mundo. Caracterizada pela repetição, pela musicalidade, pela interação coletiva e pelo gesto performático, a oralidade opera como um processo de significação. Complementarmente, Chartier (1990) destaca que as modalidades narrativas sempre estiveram intrinsecamente articuladas aos dispositivos materiais e às práticas sociais de sua disseminação, sendo a oralidade uma expressão eminentemente situada, efêmera e vivenciada. Assim como Chartier, Campos (2025) realça como a literatura oral não é limitada apenas às narrativas contadas, mas ela também abrange canções, provérbios e rituais que são transmitidos através dos tempos.

Walter Benjamin (1994) atribui aos contadores de histórias, camponeses, marinheiros, mercadores, a função de mediadores do saber coletivo, cuja atuação preservava e disseminava conhecimentos através de narrativas locais ou relatos

oriundos de territórios distantes. Esses momentos de escuta partilhada instituíam o que o autor denomina “comunidades de ouvintes”, espaços simbólicos de comunhão e pertencimento. Nesse contexto, como observa Patrini (2005, p. 106), o narrador tradicional não se limitava à evocação mecânica de memórias, mas mobilizava imagens, códigos e convenções culturais de seu grupo, reinterpretando-os sob a ótica do repertório ideológico vigente em sua comunidade.

A gênese da linguagem verbal está profundamente enraizada na oralidade. Durante vastos períodos da trajetória humana, a palavra falada foi o único instrumento disponível para a conservação e a transmissão de saberes. Ong (2002) assinala que, embora os estudos pioneiros da linguística, como os de Ferdinand de Saussure e Henry Sweet, tenham conferido centralidade à escrita, tal ênfase reflete uma longa tradição ocidental que privilegiou o registro gráfico em detrimento das formas orais de conhecimento. Entretanto, a oralidade primária, isto é, aquela que floresceu em contextos totalmente desprovidos da escrita sustentou, ao longo dos séculos, os alicerces das práticas cognitivas e culturais humanas.

Com o objetivo de perpetuar o conhecimento em meio à efemeridade da fala, as culturas orais desenvolveram estratégias mnemônicas, tais como o uso de fórmulas fixas, cadência rítmica, repetições e padrões estruturais. Ong (2002, p. 23) observa que, em sociedades orais, “o conhecimento, uma vez adquirido, tinha de ser constantemente repetido ou seria perdido” ou, como afirma Conceição (p. 13, 2025) sobre a oralidade: “embora rica em tradição e cultura, corre o risco de perder nuances e detalhes à medida que as histórias são transmitidas de geração em geração”. Bynum (1978, p. 13 apud Ong, 2002, p. 25) corrobora essa perspectiva ao salientar que o essencial consistia na retenção de estruturas cognitivas, e não de frases literais, o que conferia maleabilidade às performances narrativas sem comprometer a coerência cultural.

Goody e Watt (1963, p. 306), por sua vez, elucidam que a transmissão do saber oral ocorre mediante “uma longa cadeia de conversas conectadas entre os membros do grupo”, sendo os significados construídos contextualmente, muitas vezes mediados por expressões corporais, gestos e entonações, reafirmando a dimensão social e performativa da oralidade. Em diálogo com essa perspectiva, estudos recentes sobre oralidade destacam que as narrativas orais se constituem como eventos performativos, nos quais gestos, entonação, expressividade corporal e a interação com o público participam da construção de sentido (Souza, 2024). A título de exemplo, a autora cita os slammers que, ao unir “poesia, voz e corpo, criam performances marcantes e irrepetíveis que emocionam e impressionam o público” (2024, p. 05).

Finnegan (2025, p. 21) ao falar sobre instrumentos de comunicação, isto é, a voz e a escrita, destaca como “apesar de todo o nosso potencial multimodal, nós, seres humanos, somos principalmente – ao contrário de alguns outros ani-

mais – criaturas audiovisuais”, porém é a voz que constitui o primeiro e mais importante instrumento de comunicação e expressão humana. Nesse aspecto, as práticas discursivas orais instituem uma lógica cognitiva particular, distinta daquela forjada sob a égide da escrita. Ong (2002, p. 37-57) sistematiza os traços característicos do discurso oral primário, entre os quais se destacam a aditividade, a agregação, a redundância, o conservadorismo, o situacionalismo, a empatia, a homeostase e o vínculo com a experiência imediata. Na ausência de registros perenes, o saber precisa ser continuamente revivido na memória coletiva, exigindo competências intelectuais refinadas como escuta sensível, memória ampliada e criatividade performática.

Como resume o autor (Ong, 2002, p. 35–36), “na cultura oral a experiência é intelectualizada mnemonicamente”. A invenção da escrita, por sua vez, instaura uma inflexão paradigmática no modo de produção discursiva. Ao permitir a fixação da linguagem em suportes materiais, rompe-se a dependência da presença física entre enunciador e receptor, inaugurando novas formas de temporalidade, subjetividade e racionalidade. Para Conceição (2025, p. 13) a “documentação serve como uma âncora, oferecendo uma versão mais estável e acessível dessas narrativas para futuras gerações” Chartier (1990) ressalta que a escrita estabiliza o enunciado narrativo, distancia autor e leitor e configura horizontes inéditos de individualização e introspecção intelectual. Nesse sentido:

Com a escrita o homem venceu definitivamente o tempo e, mais ainda, venceu o espaço. Ela permitiu a fixação do conhecimento num substrato material – papiro, cerâmica, papel, memória do computador, etc. – mantendo-o disponível ao longo do tempo para sucessivas e inumeráveis gerações, e, simultaneamente, admitiu a disseminação do conhecimento à distância pelo transporte daquele substrato (Costella, 2002, p. 15).

Na ausência de registros escritos, a palavra falada media a memória coletiva, veiculada por meio de mitos, rituais, canções e narrativas contadas em espaços comunitários (Zumthor, 1990). Durante a Antiguidade, mesmo após o surgimento da escrita, esta funcionava como um apoio à oralidade, não a substituindo integralmente. A leitura era feita em voz alta, e o texto, nesse contexto, era compreendido como uma performance sonora e pública, em que o leitor assumia a função de mediador entre o conteúdo e a audiência (Fischer, 2006), ademais, como enfatiza Santos (2023, p. 62) “é necessário ao leitor assumir uma postura crítica e interpretativa diante de seu público, pois, ao situar o corpo como um objeto de trabalho, estando a serviço do texto”. A permanência da oralidade como prática comunicativa central demonstra que o advento de uma nova tecnologia não implica, de forma imediata, a obsolescência da anterior.

Ainda na Idade Média, a leitura em voz alta continuava como prática comum mesmo com o uso consolidado da escrita. Foi apenas a partir do século IX que a leitura silenciosa começou a se difundir no Ocidente. Um dos relatos mais emblemáticos sobre essa mudança é encontrado nas *Confissões* de Agostinho, em que o autor relata sua surpresa ao encontrar Ambrósio lendo sem mover os lábios. A atitude silenciosa do bispo é interpretada por Agostinho como uma forma de evitar interrupções ou questionamentos (Agostinho, 1980) destacando como a oralidade ainda era compreendida como parte integrante do ato de leitura.

Como observam Manguel (2005) e Fischer (2006), esse novo modo de ler implicava um deslocamento da leitura do espaço público para o âmbito privado e introspectivo. A leitura deixava de ser uma prática coletiva e dialógica para se tornar mais solitária e reflexiva. Essa mudança alterou profundamente as formas de recepção do texto e favoreceu o desenvolvimento de processos cognitivos mais complexos, como a comparação de textos, a interpretação subjetiva e a organização do pensamento, podendo inclusive, como destaca Abelaez (2024) “incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados e sobre acontecimentos do mundo em geral”, além de que a “leitura silenciosa é fonte inesgotável para o desenvolvimento da criatividade no mundo da imaginação” (p. 14). Com a expansão do cristianismo e o fortalecimento da vida monástica, a escrita passou a ser utilizada amplamente pelos religiosos, principalmente para copiar e conservar os textos sagrados.

Ao concentrar a leitura nos textos sagrados, a Igreja estabeleceu um modelo de acesso ao saber que, embora valorizasse a leitura silenciosa, limitava significativamente seu potencial criativo e interpretativo. Oliveira (2025, p. 13) realça como em um no início a leitura era reforçada pelos catecismos, que estimulavam uma prática baseada na repetição e na leitura dirigida. Em um segundo momento, destinado a um grupo restrito que prosseguiria nos estudos das Humanidades, a abordagem dos autores clássicos permanecia inteiramente pautada por normas rígidas.

A pesquisadora Danielly Inô (2023) cita dois marcos históricos que provocaram mudanças nas práticas de leitura, são eles: o Iluminismo, na França, e a revolução industrial, na Europa. Assim, como destaca autora, vemos como no primeiro caso, “a diminuição do poder da Igreja sobre a vida dos cidadãos, o predomínio do racionalismo e a defesa da igualdade de direitos alterou o que e como se lia”, sendo igualmente marcante, “alterou também as autorizações tácitas para ler, ao permitir que essa prática ocorresse sem necessariamente haver a mediação por uma autoridade religiosa”; E, em relação ao segundo evento, temos “as técnicas de reprodução permitiram o aumento da quantidade de oferta de materiais de leitura, bem como a sua diversificação, o que também mudou quem poderia ler, o que e como”.

Assim, a emergência da imprensa no século XV democratizou o acesso aos textos e consolidou o livro como principal suporte da cultura escrita. A narrativa,

então, passa a circular em escala ampliada, com formatos mais fixos e padronizados, inserida em um sistema editorial e mercadológico, o que segundo Oliveira (2023) “influenciou as formas como diferentes grupos sociais acessaram e atribuíram sentido à leitura ao longo do tempo”. Nesse contexto, surgem novas modalidades de leitura mais silenciosas, solitárias, que moldam o sujeito moderno e letrado:

A partir do final do século XVII, os leitores da Europa ocidental começaram a priorizar a leitura extensa em detrimento da intensa. Até então, com pouco acesso a informações impressas, os leitores haviam lido as poucas publicações disponíveis (a Bíblia, o livro de horas, livretos e panfletos de mascates), com lentidão, repetindo cada palavra seguidas vezes num gesto de contemplação. Ou seja, faziam a leitura com intensidade. Mas, no final do século XVII, quando os leitores tinham a possibilidade de comprar muitos livros, o objetivo passava a se voltar à cobertura mais ampla possível sobre determinado tópico, ou mesmo à variedade. Começou-se a fazer uma leitura mais extensa. A partir desse período, o próprio conceito acerca da principal função da leitura se modificava: de concentração para o acesso a mais informações (Fischer 2006, p. 234).

Com a consolidação da escrita e, sobretudo, com o advento da imprensa, a leitura passou por uma interiorização significativa. Conforme destaca Ariès (*apud* Chartier, 2006, p. 164), esta se tornou um ato silencioso e privado no sentido físico uma vez que realizava-se em espaços reservados, favorecendo o recolhimento e a reflexão solitária. Para Chartier (2006, p. 176), essa prática de leitura mais introspectiva foi fundamental para o desenvolvimento de uma consciência individual, na medida em que o leitor se colocava diante de si mesmo, examinando suas emoções e pensamentos em segredo.

Paralelamente, o crescimento do individualismo entre os séculos XIV e XX foi acompanhado por mudanças materiais no objeto livro. Segundo Briggs e Burke (2004, p. 73), a redução do formato físico dos livros e a organização mais eficiente de seus conteúdos, por meio de capítulos, parágrafos, sumários e índice, facilitaram o manuseio e a consulta rápida de informações. Esse novo modo de acesso refletia as mudanças nos hábitos de leitura, como aponta Fischer (2006, p. 234), ao mostrar que os leitores passaram da leitura intensiva e repetitiva de poucos textos à leitura extensiva, caracterizada pela busca de uma maior variedade e amplitude informativa.

Ainda que a leitura silenciosa tenha ganhado predominância, a oralidade não desapareceu. A leitura em voz alta continuou a ter papel social relevante entre os séculos XVI e XVIII, especialmente em círculos de amizade e no ambiente familiar. Chartier (2006, p. 174) observa que a leitura compartilhada era um componente essencial da vida cotidiana, inclusive entre as elites. Como ressalta Manguel (2005, p. 136-137), embora a leitura vocalizada retire do ouvinte parte da liberdade interpretativa do ato solitário, como a escolha do ritmo ou a releitura de passagens,

ela confere ao texto uma presença pública e uma identidade performativa que se perde na leitura individual. O ambiente doméstico, como evidencia Fischer (2006, p. 251) e Manguel (2005, p. 135–136), era o principal espaço dessa leitura coletiva, pois como complementa Oliveira (2024), esse cenário era um espaço de convivência e transmissão de valores. A leitura coletiva servia não apenas para entretenimento, mas também para ensinar normas morais, religiosas e culturais, reforçando laços familiares e identidades sociais.

O século XIX testemunhou um impulso significativo tanto na produção “espiritual” quanto material do livro. Para Martins (1996, p. 227–228), a tipografia deixou de ser uma arte manual para se transformar numa indústria plena, auxiliada por invenções como a prensa mecânica, a rotativa e o linotipo. Isso permitiu não apenas o aumento do volume de exemplares disponíveis, mas também a sua comercialização a preços acessíveis, o que favoreceu a democratização do acesso à cultura letrada (Martins, 1996, p. 232).

No século XX, a forma coletiva de leitura foi gradativamente sendo substituída por novas mídias, como o rádio e a televisão, que passaram a assumir o papel de mediadores entre o conteúdo e o público (Ong, 2002, p. 154). Ainda assim, a oralidade não desapareceu, mas se reconfigurou, como resultado das transformações introduzidas pela escrita e, especialmente, pela tipografia. Ong (2002, p. 116–117) argumenta que o processo de impressão tipográfica representou o primeiro modelo de produção industrial em série, antecipando os princípios da linha de montagem da Revolução Industrial.

Com a industrialização da impressão, o livro perdeu seu caráter aristocrático e tornou-se mais acessível, com foco no conteúdo e não na estética (Fischer, 2006; Manguel, 2005). Esse processo foi impulsionado pelo aumento da alfabetização, especialmente em áreas urbanas e protestantes, expandindo a leitura para além da página impressa e integrando-a ao cotidiano visual (Chartier, 2006; Fischer, 2006). Nesse contexto, surgiu a chamada oralidade secundária (Zumthor, 1990), uma forma de expressão oral moldada pela escrita, embora ainda persistam, sobretudo em regiões do Terceiro Mundo, formas de oralidade mista dependentes da fala e da limitada difusão da escrita (Goody; Watt, 1963).

Mesmo com o surgimento de novas mídias no século XX, como rádio, cinema e televisão, a leitura e a escrita continuaram a exercer papel central na cultura ocidental. Cada nova tecnologia convive com as anteriores, muitas vezes as aprimorando em vez de eliminá-las. Somente no final do século XX, com a popularização da internet e a criação da *World Wide Web* por Tim Berners-Lee, a cultura escrita encontrou uma inflexão significativa. A incorporação dos meios eletrônicos trouxe novos paradigmas de leitura e escrita, abrindo caminho para a cultura digital e para novas formas de oralidade, desta vez mediadas por tecnologias digitais.

Somente com o advento da cultura digital que se instaura um novo paradigma de narrativa. A passagem do impresso ao digital implica uma profunda reconfiguração nas práticas de leitura e escrita, caracterizadas agora pela hipertextualidade, pela interatividade e pela convergência de mídias. Pierre Lévy (1999), observa que a cibercultura introduz um regime de comunicação em rede, em que os usuários não são apenas receptores passivos, mas participantes ativos da construção do conhecimento. O nascimento do hipertexto tal como fora formulado por George Landow (1997) rompe com a linearidade do livro impresso, permitindo que os leitores escolham seus próprios caminhos entre blocos de informação interconectados. A leitura torna-se navegacional, fragmentária e exploratória. A narrativa, por sua vez, deixa de ser uma sequência única e não passível de modificações para se tornar um campo de múltiplas possibilidades.

A cultura digital favoreceu a emergência de formas narrativas híbridas, que combinam texto, imagem, som e vídeo, em plataformas dinâmicas e interativas. Como afirmado por Lúcia Santaella (2013), o digital não substitui a palavra escrita, mas a amplia, tensionando suas fronteiras e deslocando sua centralidade. Surge, então, um novo ecossistema narrativo, no qual a literatura se vê desafiada a dialogar com outras linguagens e modos de expressão. Todo o percurso da oralidade ancestral à cultura digital contemporânea é marcado por rupturas, bem como por continuidades e ressignificações. A narrativa permanece como estrutura simbólica da experiência humana, ainda que modulada por diferentes tecnologias e suportes.

### **Narrativas Digitais e Reconfigurações da Leitura e da Escrita**

As transformações tecnológicas das últimas décadas têm produzido profundas alterações nas formas de produzir, difundir e fruir textos. As narrativas digitais emergem, nesse cenário, como manifestações culturais um (tanto complexas) que reconfiguram os modos tradicionais de leitura e escrita. Caracterizadas por fluidez, convergência de mídias, hibridismo e velocidade de circulação, essas narrativas refletem um cenário comunicacional dinâmico e interativo, onde os limites entre emissores e receptores tornam-se cada vez mais tênues. Como afirma Silva *et al*, “o livro digital expande a acessibilidade, a portabilidade e a circulação dos textos, criando novas ecologias leitoras” (2025, p. 04).

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs), as práticas narrativas passaram a se reorganizar em novos formatos e linguagens, sobretudo através da emergência das narrativas digitais. Estas, podem ser descritas como:

As histórias digitais, ou narrativas digitais, são aquelas construídas com e veiculadas por meio de recursos multi e hipermediáticos. O texto volta-se à exploração das múltiplas possibilidades de leitura e escritura oferecidas pelas narrativas digitais buscando apresentar os desdobramentos que essa nova forma de narrar pode trazer ao processo de criação de sentidos, tanto pelo autor quanto pelo leitor (Goulart, 2019, p. 16).

Esse novo modo de narrar além de transformar o suporte e o formato da obra, também reconfigura as relações entre autor, texto e leitor, instaurando um processo de criação de sentidos mais interativo, fragmentado e dinâmico. Para Lévy (1996), a narrativa digital representa uma nova forma de imersão, em que imagem, texto e música se fundem para formar experiências interativas. Silva *et al* (2025, p. 04) chama esse fenômeno de ecossistema cultural no qual “cada suporte se inscreve, produzindo novos gestos, novas disposições corporais, novos ritmos interpretativos e novos vínculos entre leitores e textos”. Nessa configuração, “a obra não está mais distante, e sim ao alcance da mão” (Lévy, 1996, p. 151), transformando o leitor em um coautor, capaz de intervir e moldar o enredo, numa relação dialógica com o conteúdo. Arcedes (2025, p. 54) chama atenção para novas categorias que surgem nesse contexto bem como é o caso do hipertexto (elemento digital), que, “por meio de um click podemos acessar a vários nós, e esses nós, por conseguinte, permitem o acesso a vários outros nós e assim por diante”.

A literatura infantil, por exemplo, ganha novas possibilidades a partir dessas tecnologias. Aplicativos de contação de histórias passaram a incorporar sons, imagens, movimentos e interações que ampliam a experiência leitora, promovendo letramento digital e fortalecendo a formação de leitores críticos e criativos (Prado *et al.*, 2017). Segundo Almeida e Valente (2012), essa aglutinação de mídias, potencializada por dispositivos móveis como celulares e tablets, permite uma ampliação das formas de expressão narrativa, rompendo com os limites do texto estático. Bruner (1990) defende que a narrativa possui valor educacional fundamental, pois ajuda na construção de significados e na sistematização das experiências vividas.

Deste jaez, as histórias digitais favorecem também o desenvolvimento de novas competências leitoras e comunicativas. A título de exemplificação Silva (2025) destaca esse fenômeno no ambiente escolar e afirma que não se resume à simples introdução de tecnologias no ambiente escolar, mas à criação de experiências que favoreçam o desenvolvimento de competências de leitura alinhadas às demandas da era digital, capacitando os estudantes a lidar de forma crítica com a diversidade e a complexidade dos textos contemporâneos.

Ao mesmo tempo, como afirma Carvalho (2008), esse formato inova o ato de contar histórias, transformando-o em uma ferramenta potente de engajamento e inserção cultural. A reflexão sobre essas transformações acarreta no conceito de ciber-

cultura, desenvolvido por Lévy (1999), que considera a internet como um ambiente onde se formam comunidades virtuais, baseadas na inteligência coletiva e na interconexão de saberes diversos. Nessas comunidades, as narrativas digitais não substituem o livro ou os gêneros, mas oferecem novas formas de expressão e de construção do conhecimento ou, como destaca Silva *et al*, “a era digital não inaugura a morte do livro, mas sua metamorfose em objeto múltiplo, híbrido e contínuo, capaz de atravessar tempos, tecnologias e culturas sem perder sua essência” (2025, p. 10). Desse modo:

A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Precisamos, de fato, colocá-la dentro da perspectiva das mutações anteriores da comunicação (Lévy, 1999, p. 15).

A cibercultura, pois, está em constante expansão, uma vez que cada novo participante da rede (seja um indivíduo, um grupo ou uma tecnologia) tem o potencial de criar e compartilhar informações inéditas, capazes de reorganizar partes do sistema global. Isso acaba por se refletir também como esta reconfigura de modo significativo os modos de produção, circulação e recepção da literatura. Rompendo com a lógica linear e hierárquica do texto impresso, os ambientes digitais possibilitam formas de leitura e escrita marcadas pela interatividade, pela hipertextualidade e pela multiplicidade de linguagens.

A literatura digital emerge como um fenômeno que incorpora recursos multimidiáticos (imagens, sons, animações, links), permitindo a criação de obras que só existem plenamente no ambiente virtual, nas quais o sentido é constantemente reconfigurado pelas ações do leitor. Dentro desse panorama, destacam-se manifestações como as fanfictions, os blogs literários e as plataformas interativas de leitura e escrita (como Wattpad, Spirit Fanfics, Sweek, entre outras), que ilustram as dinâmicas colaborativas e descentralizadas da produção literária em tempos de cibercultura. Assim, práticas digitais não servem apenas para entender o “novo”, mas também para reinterpretar o “antigo”, mostrando continuidades, diferenças e até valorizando aspectos do letramento tradicional que permanecem relevantes (Silva, 2025). As fanfictions ou fanfics, por exemplo, representam uma prática de reapropriação criativa de universos ficcionais já existentes, muitas vezes impulsionada por comunidades de fãs que compartilham afetos e narrativas alternativas.

Já os blogs e plataformas interativas funcionam como espaços de sociabilidade literária, nos quais escritores amadores e leitores se engajam em práticas de escrita contínua, comentários, sugestões e avaliações em tempo real. Essas práticas configuram-se como uma nova ecologia da literatura, na qual o texto é simultaneamente processual, coletivo e híbrido, revelando as potencialidades estéticas e políticas da literatura na era digital:

Agora, com o livro eletrônico, os e-books, presenciamos um novo período do escrito, com mudanças mais profundas, que prometem ampliar a democratização do conhecimento, pois apresenta maior rapidez e liberdade no ato de produzir e disseminar os saberes. Com ele, as funções do autor e do leitor se misturam e se confundem (Santos; Oliveira; Anjos, 2011, 147).

Conforme apontam Santos, Oliveira e Anjos (2011), a leitura e a escrita digital implicam uma reorganização da estrutura textual e do próprio ato de ler, que deixa de ser linear e exclusivamente verbal, para se tornar um processo dinâmico de navegação por múltiplas linguagens e suportes ou como enfatiza Silva *et al* o livro digital não é apenas uma “versão eletrônica do impresso, mas uma nova entidade sociotécnica que possibilita experiências distintas, como busca interna, marcações dinâmicas, interações coletivas e leitura colaborativa em rede” (2025, p. 09). O leitor, agora também produtor e curador de conteúdo, atua como sujeito ativo, manipulando dispositivos, acessando múltiplas fontes e atribuindo sentidos de forma fragmentada e colaborativa. O domínio do letramento digital, portanto, exige habilidades que transcendem o conhecimento da língua escrita, abrangendo também competências técnicas e cognitivas específicas do ambiente virtual.

Nesse novo cenário comunicacional, plataformas como o TikTok têm influenciado na ressignificação dos hábitos de leitura, especialmente entre os jovens e adolescentes. A lógica da autocomunicação de massas (Cardoso, 2023), onde cada usuário se torna emissor e mediador de discursos, tem possibilitado a formação de comunidades leitoras baseadas na afinidade e na experiência compartilhada.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Birkerts (2006) observa que a força desse tipo de mediação reside na sua ancoragem em práticas narrativas ancestrais, evocando a oralidade como forma de engajamento e construção de sentidos. A recomendação de livros em vídeos curtos e estimula não apenas o consumo de obras literárias, mas também o fortalecimento de vínculos afetivos com a leitura. No TikTok, os produtores de conteúdo combinam imagens, sons e textos em narrativas digitais que geram sentido e evocam sentimentos, estimulando o engajamento dos membros da comunidade BookTok com as obras literárias apresentadas. Nessa perspectiva, o TikTok funciona como uma ponte entre o impresso e o digital, promovendo um modelo híbrido de leitura que não pode ser rigidamente julgado por parâmetros tradicionais.

Albuquerque (2023, p. 360-361) argumenta que refletir sobre a literatura e seus desdobramentos nas redes sociais implica considerar a miscigenação linguística e cultural que caracteriza essas novas formas comunicativas, as quais fomentam a interação social, do mesmo modo como promovem a reinvenção dos modos de ler e dos processos produtivos textuais. As redes sociais, sobretudo o TikTok, ao amalgamar linguagens visuais, sonoras e textuais, inaugura modalidades híbridas

de narrativa digital, que transcendem as formas tradicionais da literatura impressa, instaurando uma cultura de leitura mais dinâmica, coletiva e multimodal.

A literatura, enquanto fenômeno cultural, assimila os impactos provocados pela convergência midiática, que reconfigura os suportes e as interfaces de produção e fruição textual. Nesse diapasão, Silva (2022) enfatiza que as tecnologias digitais propiciaram o surgimento de gêneros literários, tais como hiperficção e poesia digital, e instauraram mecanismos de mediação algorítmica que alteram as relações entre autores, textos e leitores. A massiva presença dos jovens em redes redefine o espaço-tempo dedicado à leitura, promovendo a dissolução das fronteiras entre o impresso, o eletrônico e o digital, e consolidando formas textuais híbridas que mesclam códigos verbais, visuais e audiovisuais (Rojo; Moura, 2019, p. 29). Dessa maneira, surge o BookTok<sup>3</sup> que configura-se como uma manifestação dessa convergência, na qual a performance, a dublagem e a montagem rápida de vídeos se amalgamam para construir narrativas literárias em curto espaço temporal, que despertam desejo e engajamento na audiência (Pereira; Monteiro, 2022).

No que concerne à sociabilidade literária fomentada pelo BookTok, essa comunidade virtual articula práticas de recomendação social, identificação afetiva e construção performativa em torno dos livros. Merga (2021) e Pereira e Monteiro (2022) destacam que os criadores de conteúdo nessa plataforma transcendem a resenha textual, adotando estratégias multimodais que potencializam o engajamento, inclusive ao estimular o “desejo de ir ao encontro das literaturas” (Pereira; Monteiro, 2022, p. 163). Tal fenômeno revelou-se ainda mais acentuado durante o isolamento social da pandemia de COVID-19, período em que os jovens intensificaram a busca por práticas culturais online, o que impulsionou a circulação de títulos literários, especialmente os inseridos no universo *young adult* e que abordam temáticas como diversidade e representatividade (Wiederhold, 2022; Sánchez, 2022).

Ademais, o advento dos livros digitais (e-books) e sua difusão por meio das TICs ampliaram as formas e os suportes da leitura, facultando ao leitor o acesso a múltiplos dispositivos e ambientes de consumo textual (Santos; Oliveira; Anjos, 2011; Monteiro, 2021). Contudo, apesar dos avanços, o Brasil ainda enfrenta desafios no fomento à leitura, com lacunas nas políticas públicas e nas práticas de incentivo. Nessa conjuntura, plataformas como o TikTok, por meio de comunidades como o BookTok, operam como catalisadores de uma nova cultura leitora, na qual os leitores são também produtores e mediadores culturais, capazes de estabelecer diálogos colaborativos e instantâneos em rede (Kirchof; Silveira, 2018).

---

3. Comunidade dentro da rede social TikTok dedicada à recomendação, resenha e discussão de livros. O nome é a junção de book (livro) com Tok (de TikTok).

O caráter representativo da leitura, conforme proposto por Leffa (1996, p. 10), ressalta que o ato de ler implica sempre uma mediação entre o leitor e o mundo, um reconhecimento do real através de “espelhos” simbólicos:

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto reconhecer o mundo através de espelhos (Leffa, 1996, p. 10).

O BookTok, nesse segmento, reconfigura essa mediação, pois as narrativas digitais ali produzidas servem como espelhos que refletem e ampliam as experiências leitoras, constituindo-se como um espaço privilegiado de trocas e descobertas coletivas. A participação ativa dos usuários que comentam, dramatizam e reinterpretam obras evidencia a transformação da leitura em prática performativa e colaborativa, segundo Santos, Oliveira e Anjos (2011), que ressaltam como a digitalização potencializa a democratização do conhecimento e promove o entrelaçamento das funções de autor e leitor.

No contexto da cultura digital, portanto, o sujeito leitor/escritor assume a figura do navegador, cuja habilidade transcende a alfabetização tradicional para abarcar competências tecnológicas e multimodais. A leitura e a escrita configuram-se como processos interativos, que demandam a manipulação e o trânsito entre diferentes mídias, interfaces e plataformas (Santos; Oliveira; Anjos, 2011). O TikTok, enquanto ambiente de produção e circulação audiovisual de curta duração, exemplifica uma nova modalidade comunicacional caracterizada pela autocomunicação de massa (Cardoso, 2023), onde o usuário se torna mediador cultural e agente na construção das práticas literárias emergentes. A viralização de conteúdos literários tem impulsionado obras aos primeiros lugares das listas de vendas, fenômeno que subverte o tradicional e reforça o papel que as redes sociais tem adquirido no que tange a popularização e revalorização da literatura impressa (Wiederhold, 2022). Mais que mero instrumento promocional, o TikTok configura-se como espaço de construção de significados e práticas socio-culturais que ressignificam o ato de ler, aproximando-o das antigas tradições orais ao privilegiar o compartilhamento coletivo e afetivo de histórias (Birkerts, 2006).

A literatura resiste e se reinventa na cultura digital. As narrativas digitais não substituem a literatura, mas a atravessam, hibridizam e tensionam, abrindo caminhos para novas formas de criação e recepção. A digitalização do narrar exige repensar a leitura como prática social, estética e tecnológica. As narrativas digitais não substituem a literatura, mas a atravessam, hibridizam e tensionam, abrindo caminhos para novas formas de criação e recepção.

## Conclusão

Este trabalho se propôs a refletir sobre os percursos das narrativas humanas desde a oralidade até sua reconfiguração nos ambientes digitais (narrativas digitais), com foco nos impactos dessas transformações sobre a literatura contemporânea. Com uma investigação, de natureza teórico-bibliográfica, permitiu observar que o advento das tecnologias digitais não implicou no desaparecimento da literatura, mas a ressignificou diante das novas formas de mediação cultural e textual.

Verificou-se que a cibercultura, conforme definida por Lévy (1999), caracteriza-se por sua natureza descentralizada, rizomática e em constante expansão, configurando-se como um ‘universal sem totalidade’. Essa lógica de produção e circulação do saber afeta diretamente os modos de narrar e de se relacionar com os textos literários. Ao longo da discussão, destacaram-se os apontamentos de autores como Chartier (1998), que enfatizou as transformações nas práticas de leitura; Jenkins (2009), que abordou a cultura participativa e as práticas colaborativas como nas fanfictions; e Santaella (2003), que contribuiu com a compreensão das linguagens híbridas na era digital.

A literatura, pois, deslocou-se do papel impresso para o ciberespaço, reinventando-se em formatos interativos e colaborativos, como blogs, plataformas de autopublicação, redes sociais literárias e fenômenos como os booktokers. Tais práticas mostram que a experiência estética e criativa permanece viva, embora profundamente atravessada pelas lógicas digitais, desafiando os paradigmas tradicionais de autoria, leitura e fruição literária. Sustenta-se que a literatura não desaparece com a digitalização, mas ressignifica-se, criando um campo híbrido onde tradição e inovação dialogam, e a materialidade do papel convive com a fluidez das telas.

## Referências

ABELAEZ, Rosendo Eliete. **Uma investigação acerca da metodologia adotada pelos professores: na prática de leitura silenciosa nas de língua de portuguesa no ensino fundamental**. Orientador: Aldarleny Sá de Barros. 2024. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Benjamin Constant, 2024. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/7641>. Acesso em 13 fev. 2026.

SANTOS, Edméa Oliveira dos; OLIVEIRA, Maria Cândida; ANJOS, Rosemeire de Oliveira. **Leitura e escrita on-line**. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca (org.). *Inclusão digital: polêmica contemporânea*. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 119-149.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**; De magistro; Do mestre. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ARCEDES, José Manuel. Práticas de leitura na cultura digital: uma revisão Integrativa de literatura. **Revista Ícone**. São Luís de Montes Belos, v. 25, n.2, p. 25, 2025. Disponível em: [https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/pt\\_BR/article/view/16038](https://www.revista.ueg.br/index.php/icone/pt_BR/article/view/16038). Acesso em 03 mar. 2026.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BIRKERTS, S. **O silêncio da leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BYNUM, Caroline Walker. **Jesus as mother: studies in the spirituality of the High Middle Ages**. Berkeley: University of California Press, 1978.

CAMPOS, Milca Ferraz de; VILALVA, Walnice Aparecida Matos. Narrativas orais e seus rituais de proteção de vida: memória e identidade. 2025. **Revista Athena**. Cáceres, v. 29, nº 09, p. 09, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/14376/9668>. Acesso em 25 de fev. 2026.

CARDOSO, G. **Sociedade em rede, comunicação e cultura digital: o impacto das redes sociais na mediação cultural**. Lisboa: Edições ICS, 2023.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2006.

CONCEIÇÃO, Ingrede Fabiane Bernardo da. **As vozes silenciadas: revitalizando narrativas orais na Vila de Coqueiros, Maragogipe (Bahia)**. Orientador: Jucélia Bispo dos Santos. 2025. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2025. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/7549>. Acesso em 20 de fev. 2026.

FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

GOODY, Jack; WATT, Ian. **As consequências da alfabetização**. In: ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnificação da palavra*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 305-330.

GOODY, Jack; WATT, Ian. **The consequences of literacy**. *Comparative Studies in Society and History*, v. 5, n. 3, p. 304-345, 1963.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Literatura infantil digital: entre práticas de leitura e narrativas digitais. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Lavras, v. 37, n. 75, p. 6, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2019v37n75p13-18>. Acesso em: 10 jul. 2025.

INÔ, Danielly Vieira. Do impresso ao digital: práticas de leitura dos discentes de letras no ensino remoto. **Revista Leia Escola**. Campina Grande, v. 23, n. 5, p. 18, 2024. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/2332>. Acesso em: 10 fev. 2026.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2004.

LOVE, Harold. **The culture and commerce of the early modern English broadside ballad**. Aldershot: Ashgate, 2006.

LOPES, Luiz Carlos. **O que é linguagem**. São Paulo: Brasiliense, 1979. (Coleção Primeiros Passos).

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

MARTINS, Ana Luísa. **Tipografia, imprensa e leitura no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996.

MARTINS, Dinah. **Introdução à linguagem**. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Ana Paula Gonçalves de. **Entre batons e livros: práticas de leitura literária nas redes sociais**. Orientador: Patricia Trindade Nakagome. 2024. 117 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2024. Disponível em: <https://www.repositorio.unb.br/handle/10482/49678?mode=simple>. Acesso em 25 fev. 2026.

OLIVEIRA, Denise da Silva de. A materialidade do livro: história, cultura e transformação na sociedade contemporânea. **Diálogo e interação**. Cornélio Procópio, Volume 17, n. 1, p. 32, 2023. Disponível em: <http://revista.faccrei.edu.br/revista-dialogo-e-interacao/article/view/246/183>. Acesso em 03 mar. 2026.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra**. Trad. E. A. Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

ONG, Walter J. **Oralidade e escrita: a tecnologia da palavra**. São Paulo: Loyola, 2002.

SAENGER, Paul. **Space between words: the origins of silent reading**. Stanford University Press, 1995.

SANTOS, Marcos Suel dos. **A leitura em voz alta e sua relação com a performance leitora em círculos de leitura: um estudo colaborativo para a sala de aula**. Orientador: Maria Inez Matoso Silveira. 2023. 231 f. Tese (Doutorado em Linguística e Literatura) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2023. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11971>. Acesso em 26 fev. 2026.

SILVA, Aline Ariane Feitosa *et al.* Letramentos digitais e competência leitora: desafios e potencialidades no ambiente escolar. **Revista Iracê**. São José dos Pinhais, v.7, n.5, p. 16, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/5072/7145>. Acesso em 03 mar. 2026.

SILVA, Fabiana de Oliveira *et al.* A imortalidade simbólica do livro na era digital: permanências, reinvenções e ecossistemas sociotécnicos de leitura. **Revista err01**. São José dos Pinhais, v.10, n. 7, p. 17, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/err01/article/view/10954/12445>. Acesso em 03 mar. 2026.

SOUZA, Fabiana Oliveira de. O que se pode aprender dos resíduos de performances verbivoco-corporais no contexto de slams de poesia?. *Revista Boitatá*. Londrina, v. 19, n. 38, p. 13, 2024. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/download/50310/51448>. Acesso em 29 jan. 2026.

THOMAS, Marcelino. Leitura na Idade Média: do scriptoria ao mercado de livros. *In*: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Edusp, 1990.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

FINNEGAN, Ruth. **The Strange Tools of Human Communication: The Voice, the Pen, and the Lyre**. Routledge. 1º edição, 2025.